

Redacção e administração
R. D. Antonio Barroso
n.ºs 14 e 15

FRATERNIDADE

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Assignaturas (págamento
adiantado)
Anno 600 reis.
Semestre 300

A cobrança pela correia augmenta
20 reis em cada recibo

Editor—Manoel J. de Villas-Boas

Quinzenario independente

Typographia Socasaux

NOBRE EXEMPLO

Está definitivamente constituída a *União dos Empregados do Commercio do Porto*.

Este facto, que para nós e para todos os que lutam se tornava verdadeiramente desejado, representa, no norte do paiz, não só a destruição d'essa barreira formidável que punha em perigo o *desideratum* da causa dos caixeiros portuguezes, como também ha-de servir, muito efficazmente, para inicio de uma orientação nova em futuras emprezas de reivindicação.

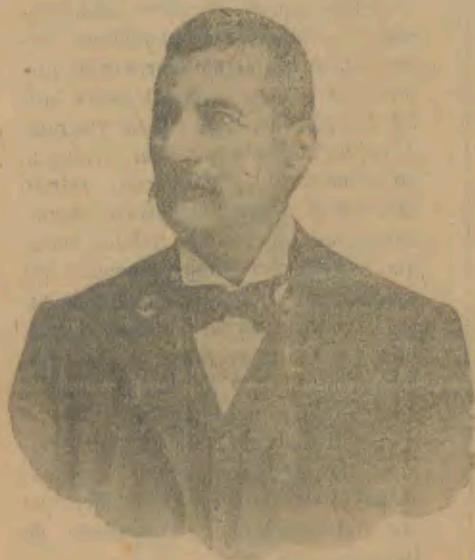
Uns e outros, novos e velhos, os que ainda hontem se metralhavam tenazmente com bem manifesto prejuizo de todos os que teem sêde de liberdade, estão hoje reunidos por um laço sublime de fraternidade!

Abraçando-se com intimo affecto, como collegas, como amigos e como soldados do mesmo exercito, os nossos camaradas do Porto encerraram com chave d'ouro esse trabalho de grande folego que o ultimo congresso empreendeu: a cohesão associativa.

E n'esse abraço commum —na solidificação da sociedade que lhes ha-de saber defender os direitos— a classe do Porto sellou, com a approvação unanime da lista apresentada para a commissão administrativa da sua *união*, um acto que ha de marcar memoria immor-

redora nos seus annos de evolução e de propaganda heróica.

Saudemos, pois, os caixeiros do Porto, não só pelo grande exemplo de civis-



Thomaz José d'Araujo

mo que fizeram— como pelo nobre e honroso acto de solidariedade que os fez enveredar, de vizeira erguida, na luta activa da classe.

E quebrados, como ficam alguns dos escolhos que por um grande espaço de tempo impediram a nossa marcha desassomburada; aniquillados, por completo, no norte, os obstaculos terribes que antepêceram de um modo esmagador o nosso seguimento em busca de emancipação, agora, que a unificação se pode dizer um facto incontestavel, resta começar a marcha, que ha-de ser heroica, para o campo das nossas prerogativas: —resta que todos saibam cumprir com honra o seu dever sociológico.

Novos e velhos, unidos, com o estandarte engrinaldado da *união* á frente, e conduzido por quem lhe não macule as côres d'esperança que ostenta, sigamos todos, como peregrinos da redempção social, em procura d'aquillo que nos tem sido magado pelo despreso declaradamente votado ao aperfeiçoamento moral e civilizador das grandes hostes proletarias.

Finalizando endereçamos um abraço de muita solidariedade aos administradores da *União dos Empregados do Commercio do Porto*, acompanhado de uma saudação fervorosa e bem sentida aos seus dignos associados, nossos camaradas de luta e do infortanio.

Um bravo aos caixeiros do Porto.

Para deante!

Lutando com um cem numero de sacrificios para vêr realizados os seus sonhos que, a não ver, não havará uma só alma que os não reconheça merecibilissimos, o caixeirato portuguez começa a fazer-se destacar—com singular admiração dos que sabem o que era o caixeiro aqui ha annos,—no seio das classes proletarias.

E porquê? Porque a luz, essa luz porque todo o homem de consciencia aspira, começa a espargir os seus raios de bem-aventurança pelos espiritos, derrubando ao mesmo tempo a inconsciencia e o feudalismo, que desde tempos remotos vem rolando em catadupas por sobre o homem, que pela ignorancia se tam deixado submer-

gir em fétidos pantanos de lama que a opressão, a tyrannia e o despotismo, mancomunados, fabricavam, porque lhes não convinha que os povos um dia reconhecessem os seus direitos e sacudissem de si o jugo que lhes era prejudicial.

Felizmente a evolução das idéas começa a manifestar-se, o progresso augmenta, embora inverosimil, e, se não podemos dizer ainda que a luz já funciona em todo o seu auge, ao menos podemos regosijar-nos de termos avançado até á situação actual.

Assim, não admira que o caixeiro levante o vôo e reclame o que de justiça lhe é innegavel; porque, digamos a verdade, não ha classe nenhuma que soffra o que o caixeiro tem soffrido, não ha classe nenhuma que tenha sido tão ludibriada como o caixeiro, não ha proletario nenhum que viva mais escravizado nem mais submisso perante o ainda hoje arrogante capitalismo sempre despota e ultriz!

Por isso se trabalha activamente na conquista do que de direito nos pertence, por isso estamos em vespéras de uma decisão que termine tanto labutar, ou nos faça erguer mais alto o nosso echo e nos obrigue a tomar resoluções mais energicas.

E é n'esta situação, em que nos encontramos, que o novo orgão da classe, a «Fraternidade», vem á luz da publicidade, e de facto não podia haver melhor oportunidade para a sua fundação, porque em circumstancias identicas a estas todos os baluartes são poucos. Um futuro brilhante, cheio de prosperidades, eis o que do coração lhe desejo.

E a nós, os famintos da justiça, os sequiosos da liberdade, cumpre-nos o incontestavel direito de nos sacrificarmos até ao ultimo extremo pelo triumpho da causa que hemos levantado.

Hurrah pelo novo paladino!
Odemira.

F. Lampreia Junior.

✱

«ALERTA»

É este o titulo de uma revista mensal, de propaganda livre, que a começar em o dia 15 do proximo mez de novembro se publicará n'esta villa.

Auguramos-lhe prosperidades.

GALERIA ILLUSTRADA

THOMAZ JOSÉ D'ARAUJO

Em uma epocha em que o egoismo predomina acima de tudo e em que a verdade desenfreada e tola, estende os seus apparatusos *reclames* por toda a parte, escondendo como um titulo nobre os maus actos do seu possuidor, não é facil encontrar um homem a quem a fortuna não torne egoista e avaro, disputando incessantemente uma mísera migalha que o pobre anciosamente procura adquirir. Em todas as epochas houve egoismo, houve maus caracteres. Diz-se que Diogenes foi um dia encontrado com uma lanterna accesa não mão, a procurar um homem honrado.

A falta, pois, de bons caracteres não é de hoje, nem de hontem. Todavia o seculo actual marcará na historia dos tempos, o caracteristico brutal dos homens, que n'elle visaram. A individualidade mais em evidencia no commercio local e cujo retrato honra hoje o nosso modesto hebdomadario, saiu ileso dos habitos maus, que os homens de hoje possuem e que a convivencia faz adquirir rapidamente. D'ahi o nosso justo orgulho, o jubilo que sentimos com a modesta homenagem que lhe prestamos e que a nossa gratidão nos suggeriu.

A seriedade do seu caracter, a nobreza dos seus sentimentos, avaliam-se pela consideração espontanea que lhe consagra toda a população de Barcellos.

Não alongamos a biographia do bondoso commerciante sr. Thomaz José d'Araujo. E' sobejamente conhecido o seu caracter, são bem evidentes os seus actos praticados com a sincera tranquillidade de um homem serio.

Não é o producto d'um banal elogio a homenagem que hoje lhe prestamos, mas sim a expansão sincera da nossa gratidão.



Sede bem vindo!

Subitamente soube por um collega que brevemente sahia á luz da publicidade um novo baluarte defensor da justa causa dos caixeiros e dos seus direitos perante a sociedade, intitulando-se «Fraternidade.»

Senti em mim uns frémittos entusiasticos e não ponde passar sem escrever para o primeiro numero duas palavras que na occasião me occorrem á mente.

Sede bem vindo!

Bonita e louvavel a ideia d'um

grupo de collegas, experientes no movimento associativo, que conseguiram levar a effeito a sua aspiração sublime para instruir os seus collegas, frios como gelo, no movimento associativo.

É preciso que todos os collegas que teem um bocadinho d'amór á classe a que pertencem auxiliem, a «Fraternidade» com os tantos reaes da assignatura para a podermos sustentar na lucta efficaz que brevemente se encetará, visando as nossas regalias.

Sim; devemos sustentar a «Fraternidade» por que é mais uma voz que se abriu na classe, reclamando um dia de repouso a que temos direito e ponderando ao patronato quanto nos é precisa a liberdade.

Não o devemos deixar cahir porque é mais um baluarte que vai accitar as nossas queixas, as nossas maguas, para as reproduzir por ahí fóra, como fiel mensageiro.

D'aquí louvo a optima ideia dos nossos collegas e faço votos para que a «Fraternidade» siga triunfante, procurando uma auróra que nos illumine com a doce palavra de: *Liberdade!*

Ferreira do Alentejo.

Mendes Junior

N. da R. Este escripto deveria saber em o n.º passado; porém, a falta d'espaco obrigou-nos a retirar-lo do que pedimos desculpa ao seu auctor.



O DIREITO E O DEVER

No actual momento, em que se torna necessario evidenciar a vitalidade dos caixeiros de Portugal, é com prazer que vemos despontar mais um orgão para servir de baluarte á campanha que novamente se ha-de ferir contra as hostes inimigas —o despotismo— e o seu aliado —o capital.

Dia a dia a classe dos caixeiros vae demonstrando que a sua pretensão não pode ser uma utopia alimentada sómente por espiritos mais ou menos optimistas.

Dia a dia observamos que a aspiração dos grandes obreiros do progresso e da sociedade moderna vae generalizando a sua acção evolutiva.

Por toda a parte se sente es-

se murmúrio que precede as grandes catastrophes ou os grandes regosijos. Por toda a parte se nota o desejo de ha muito suffocado pelo receio ou pela pressão que até aqui nos tem subjugado.

Mas, esse desejo, tem-se tornado nos ultimos annos, n'um ideal que é preciso conquistar, e essa pressão tem-se quebrado—lentamente, é certo,—mas com resultado mais ou menos satisfatorio.

É sem duvida aos órgãos da classe que se deve essa transformação, por que, impulsionados pela nobre missão a que se impõe, tem demonstrado á classe que o dia de hontem passou e que o de amanhã deve raiar, mais bello e mais sublime, sob uma aurora mais brilhante a qual outrora os nossos irmãos de trabalho não obtiveram, porque eram escravos, privados até da leitura de jornaes pelos *seus senhores*.

Essa epoca, porem, vae longe. Hoje o caixeiro já não é o escravo de hontem.

Hoje sómente lhe resta exigir o que de direito lhe pertence, tanto em nome da religião como da hygiene, ou até pela revolta da nossa dignidade perante a oppressão que o avassalla.

Se fôr preciso colligarem-se todas as forças collectivas do paiz, colliguem-se, formando todos um exercito para defender a liberdade, que parece os nossos adversarios—lespotismo e capital—estão empenhados em não ceder.

A nossa honra e dignidade, a nossa vida e a nossa liberdade impõe-se para que não sejamos vencidos na lucta por cobardia.

É preciso que os patrões e esses homens a quem chamamos ministros saibam que ha 25 a 30:000 homens, que, sendo humildes nos seus pedidos, tem todavia corações que se tornarão rebeldes, não consentindo que se lhes menosprese os direitos de ha muito reconhecidos.

Em cada anno queremos 32 dias de liberdade para dispormos d'ella sem o odioso *proteccionado* dos patrões, como nos approuver, acabando de vez com essa *posse* que dispõe de nós como se fossemos qualquer mercadoria. Convenções, pedidos, contractos, tudo isso é nullo.

Queremos sómente a lei que

abranja a todos e não sejam uns attingidos pelas convenções parciais e outros escravizados pela recusa.

Queremos a lei e exigimol-a se tanto fôr preciso.

Se necessario fôr fazer-se a *grève* em todo o paiz, faça-se, por que perante essa ultima instancia creio que não-de conceder-nos o que aspiramos.

A evolução tem-nos feito avançar pela vereda do progresso, mas a revolução, sendo mais energica, abrevia sempre a consequição de qualquer ideal.

É sob a impressão d'esta ordem de ideias que peço a devida permissão á digna Redacção d'este quinzenario, para n'um brado vehemente saudar a «Fraternidade», e n'um impulso de solidariedade manifestar-lhe o desejo ardente que minha alma alimenta.

Avante! pelo progresso!
Hurrah! pela liberdade!
Salve! «Fraternidade»!

Arrayollos, 12-10-904.

Marques Coelho.

N. da R. Por falta d'espaco deixamos de publicar em o numero passado este escripto, do que pedimos desculpa ao seu auctor.

PROSA E VERSO

TRAHIDO!

Anoutecia. Uma aragem fria e humida que ha um momento principiara de cair, impacientava-me cruelmente fazendo-me girar lentamente, d'um angulo ao outro da rua. Um denso nevoeiro ha pouco ainda invisivel ia apparecendo rapidamente e occultava mysteriosamente o amplo palacete que ha uma hora servia de alvo aos meus olhares. Envolto n'um silencio que me fazia desesperar, o magestoso predio parecia zombar da impaciencia atroz que me devorava e que a fria aragem da noite transformava, vagarosamente, em uma colera surda e impertinente. Era de mais! Ha um pedaço que tinham soado com lentidão, as ultimas badaladas das dez horas. Na carta que *ella* me escrevera dizia me, que ás oito precisas estaria na janella, para assim satisfazer o pedido d'uma entrevista feita há dous dias em uma carta, onde abundavam juramentos d'amor e

um terno e sincero desejo de lhe fallar, de ouvir, escondido de todos, o som juvenil e fresco da sua linda voz. Mas aquella demora, aquella aragem fria e penetrante, que ha um tempo que me parecia infinito me torturava, faziam-me desesperar. O frio paralisava-me os nervos e fazia voar a minha imaginação ardente, para um inferno de ciumes. A minha immobildade allí, que eu algumas horas antes imaginei seria a maior felicidade da minha vida, exasperava-me e parecia-me affrontosa. Mas de repente ouvi um pequeno ruido: alguém descia apressadamente a rua. Aqueella hora e debaixo d'uma chuva miudinha e fria, só algum amante, talvez infeliz como eu, seatreveria a percorrer aquella rua, que o silencio tumular tornava detestavel. Mas os passos avisinhavam-se. Na escuridão que me cercava e em que a neblina puha um phantastico véu, vi vagamente abri-se aquella janella, que eu ha tres horas fitava insistentemente, e uma mulher esbelta e gentil como a figura d'um sonho, appareceu, debruçou-se rapidamente e com uma ancia que a tornava cruel, com uma entoação na voz em que se notava um ciúme torturante, perguntou ao embuçado que n'aquelle momento chegara:

Tão tarde; como me fizeste soffrer... d'onde vens?.....

Era *ella*, a perfida, que dous dias antes me havia escripto uma carta, dizendo amar-me!

Grego.

Immoralidade e indifferença

É para este campo que, infelizmente, o povo caminha; todas as classes, as que deveriam primar em civilização, cada vez mais se afundam no charco da indifferença, do atraso moral e intellectual. Parece que estamos em um paiz aonde a vontade de prosperar não existe. Parece que quanto mais se avança, em maior atraso ficamos!

Lamentando asperamente esse atraso em que vivemos, attribuindo as culpas d'esse atraso a nós proprios, ao povo, por

que tem justa obrigação de procurar não só o seu bem estar mas até a instrução que lhe é necessária, so ao proprio povo attribuímos o seu atraso passmoso, sem instrução e sem civilisação. Os que nos deveriam dar bons exemplos são os que, infelizmente, pelos actos que praticam, pela indiferença que a tudo votam, pelo desinteresse com que olham tudo que seja bello e aproveitavel á instrução e civilisação completa do povo, são os que, iamós a dizer, maiores responsabilidades têm n'esse espantoso atraso da sociedade.

Outrora, em tempos remotos, quando o progresso ainda apresentava uma luz frouxa, n'esse tempo haviam sentimentos mais nobres e com maior fé. Hoje vemos a immoralidade do povo e vemos praticar crimes horrorosos que enluttam povoações e familias inteiras!

Que significa tudo isto?

Se a isto se chama progresso, nós contra elle nos revoltamos!

Pregue-se frequentes vezes a moralidade, trate-se da instrução do povo e veremos minorar os males que presentemente avassalam a creença popular.

—Aonde está a verdadeira immoralidade?!

Continuaremos bordando este assumpto.

Barcellos, 24-10-904

G.

ECOS DA QUINZENA

A PAZ

No penultimo domingo e conforme referimos, reuniram no Porto os socios das duas associações de classe locais, a fim de ser nomeada a comissão administrativa da «União dos Empregados de Commercio do Porto» (associação de classe).

Foi enorme o numero de socios que compareceram á reunião. E, após a discussão de diversos assumptos, procedeu-se á nomeação dos membros que deveriam compôr a comissão administrativa da União, que, por indicação do collega Manoel Gonçalves de Carvalho Junior, ficou assim constituída:

Presidente, José da Silva Reis; vice-presidente, João Luiz

T. Alves; secretario, Annibal Martins; thesoureiro, Antonio Augusto Cardoso; e vogaes: Evaristo Augusto Leite Ribeiro, Miguel d'Oliveira e José Candido Dias.

Está, pois, constituída a «União dos Empregados de Commercio do Porto», e é de esperar que dos seus administradores, todos conhecedores do que é o movimento associativo e energicos defensores da nossa causa, alguns beneficios a classe pode obter.

MARCO POSTAL

A. L. C.—*Guimarães*—Concordamos e muito obrigados.

C. J.—*Coimbra*—Recebemos carta. Foi-lhe remettido, pela 2.^a vez, o jornal. Obrigados pelos seus favores.

J. R. A.—*Montemor-o-Novo*—Recebemos carta e muito obrigados lhe ficamos pela sua confirmação á nossa nomeação. Não se esqueça de nós.

A. B.—*Lisboa*—Concordamos com a sua observação. Para «A Voz» remettemos o jornal. Obrigado pelas felicitações. Podendo, escreva d'ahi alguma coisa; honra-nos muito, creia.

F. L. J.—*Odemira*—A falta d'espago, fez com que só hoje publicassemos o seu escripto. Desculpa-nos e não nos esqueça.

F. M. C.—*Arraiolos*—O mesmo.

M. J.—*Ferreira do Alentejo*—Idem.

E. A. B.—*Mucieirinha*—Para o proximo numero vae; hoje é impossivel.

A «FRATERNIDADE»

Aos nossos estimados collegas da imprensa agradecemos as palavras amaveis que nos dirigiram quando do apparecimento d'este jornal.

—A absoluta falta de exemplares do n.º 1 da «Fraternidade», fez com que deixassemos de enviar esse mesmo numero a muitos collegas.

Pedindo de tal falta desculpa, enviámos-lhes o presente, pedindo a todos o especial favor da sua assignatura, com o que muito nos honram, contribuindo ao mesmo tempo para a sustentação da «Fraternidade».

MOVIMENTO DA CLASSE

DE SILVES

Iniciando as minhas correspondencias para o novo periodico «Fraternidade», defensor da classe a que me orgulho pertencer, começo por felicitar a sua E.^{ma} Redacção, augurando ao nosso jornal uma vida prospera e desafogada.

E, sem duvida, mais um haluarte que se ergue na sympathica defeza das nobres e justas aspirações da grande familia dos caixeiros; portanto é um dever que se impõe á nossa consciencia contribuir para o seu desenvolvimento, não só assignando-o, como tambem propagando-o a toda a classe. Assim com o auxilio de todos os collegas veremos em breve o novo campeão da classe atingir o fim principal a que visa.

E' certo que hoje, entre a maioria dos collegas, com profunda magua o diga, layra uma criminosa indiferença por todos os assumptos que se ligam de perto com a nossa classe; todavia não é caso para que todos os collegas que acompanham de perto as evoluções da mesma desanimem e não continuem defendendo e auxiliando tudo que seja nobre e altruista para ella.

Passo a dar as noticias que me occorrem á mente:

—Acha-se entre nós, empregado na casa Guerreira & Filhos, d'esta praça, o illustre collega José Cassiano da Fonseca.

Fazemos votos para que este collega nos dê por largo tempo o prazer da sua convivencia.

—Vae brevemente subir ao patronato o nosso particular amigo e collega Joaquim dos Santos Baeta.

Oxalá que o futuro lhe seja prospero e que o seu ideal, posto ago em pratica, deslize cheio de venturas e de felicidades.

—Retirou de Portimão, vindo novamente para o nosso convivio, o collega Hermenegildo de Castro e Cruz, que durante algum tempo alli foi prestar os seus serviços na succursal que o commerciante d'esta praça sr. Henrique Martins, tem n'aquella villa.

—Aproveito a occasião, de testemunhar os meus agradecimentos ao collega e amigo João da Sousa Nery pela forma sincera como acolheu o pedido que lhe fiz para assignar a «Fraternidade».

Já vae longe a massada aos dignos leitores, portanto, até breve.

22-10-04.

P. de S.

de me encontrar, associar-me e trabalhar com a mais completa de todas as sinceridades, arrastando a classe pela conquista d'uma divisão, estudando com entusiasmo delirante pela realisação do seu desiderium.

As poucas palavras que transcrevemos dão bem a entender o publico sensato e quanto é quanto vale o genio oratório do sr. Padre Firmião José Alves.

Por nós, que nos interessamos sobremaneira pela causa dos oprimidos e pelo caixetão em geral, aqui lhe commendamos os nossos agradecimentos juntamente com a nossa admiração pelo seu subilto talento.

As salvas de palmas succedam-se.

As primeiras arrancaças do espirito publico e da gratidão dos interessados o illustre conferente, e outras, foram dellas com justiça a distincta Tuna Cabocense que se houve maestramente nas varias composições musicas que executou.

—A direcção da Associação dos Empregados de Commercio vai mandar imprimir e distribuir profuzamente pelo paiz a brilhante conferencia a que alludimos.

—Augusto Cesar Cantó, digno socio correspondente da associação dos caixeiros, executou no final da conferencia varias produções musicas no seu querido e bem adorado harmonio. Foi applaudido com justiça.

—A conferencia, assistiu tudo o que ha de mais fino no meio social cabocense.

—O sr. Padre Firmião foi muito complimentado pelo bom exito do seu grande trabalho intellectual.

26—10—904.

Leite Gomes

Do Porto:

Isto d'um caixeiro querer deitar flamaçcia nas columnas de qualquer gazeta, sem para isso ter a precisa competencia, deve, com certeza, provocar uma justa antipathia pelo jornal que lhe acceptar a sua descolorida prosa, despida de rethorica e portanto aheia a qualquer interesse ao leitor. E' ou não verdade o que acabo de dizer? E' —Pois então passem esta desprimosa

correspondencia em claro e procurem n'este mesmo jornal que lhe possa proporcionar distrações, que com a leitura da minha prosa perdem tempo e... feito.

E' esta a minha apresentação e não estranhem porque quem dá o que tem não é obrigado a mais.

—E' sabido de todos que já tomou posse a commissão administrativa da «União dos Empregados de Commercio». Os trabalhos que já iniciou para o engrandecimento da collectividade e levantamento da classe, tem-lhe granjeado os mais justos e merecidos louvores José da Silva Reis, tem sabido conquistar não só a sympathia da nossa classe, mas a admiração de vultos muito em evidencia no meio social; tal é o recerto como elle principiou a dirigir a collectividade.

A commissão administrativa reúne todas as quartas feiras.

—Na secretaria da União estão abertas as matriculas para os cursos de Escrituração Commercial, Contabilidade, Calligraphia, Portuguez, Francez, Inglez e musico, estando já bastantes alumnos inscriptos.

—Na proxima quarta-feira, 16 do corrente, representa-se no Theatro Carlos Alberto a comedia *Domingos, Dias Santos & C.^{as}* — que como se sabe foi escripta expressamente para fazer propaganda em favor do descaço dominical, de que é uma verdadeira apologia.

Esta peça deve ser vista por toda a classe, porque ha bastante que aprender na parte moral que em si encerra.

—«A Luz do Commercio» abriu um concurso com o premio de 5,000 rs. aquelle dos nossos collegas que melhor trabalho apresentar debaixo do seguinte thema: «Quais são as dez melhores razões para o emprego de commercio escolher uma descaço de preferencia o domingo?»

Como é um concurso doutrinario, é possivel que tenha poucos concorrentes, o que não aconteceria se «A Luz do Commercio» tivesse a feliz ideia de abrir um concurso poetico.

Podemos a soverar que não faltariam Felisbertos acompanhados das respectivas *Horas d'Osio*.

Por hoje mais nada.

13—11—914.

Gasso Decio.

De Lisboa:

Tendo eu sido convidado pelo grupo proprietario da «Fraternidade» para ser correspondente em Lisboa, accetei esse cargo — não com a convicção de que seria um bom elemento, para a propaganda do novo orgão da nossa classe —

mas sim pelo simples facto de não querer criar dificuldades os meus collegas do mesmo jornal.

No n.º passado não sahio a minha correspondencia pelo motivo de o jornal já estar na machina quando ella chegou. Bom serviço dos vossos correios!

Por isso, na presente correspondencia faço a declaração de que todos os meus escriptos serão firmados com o pseudonymo *Seta*.

—No preterito dia 1 realison-se a sessão solemne da inauguração das aulas, na «Associação de Classe dos Caixeiros Portuguezes».

O collega Alberto Nazareth presidindo, e secretariado por Antunes Vaz e Luiz Rufino Bellas, abriu a sessão ás 8 1/2 da noite.

Procedem-se á leitura da correspondencia, e, logo, á chamada dos associados que se distinguiram nas aulas da epoca passada. E qual não foi a surpresa do nosso presidente e de toda a assembleia, ao ver que nenhum dos alumnos respondia, apesar de se acharem alguns presentes?! A modestia, em demasia, torna-se enfadonha; e, em homens, não se pode admittir tanto pudor...

Usaram da palavra os dignos oradores do movimento associativo, Leite Ribeiro, Farinha Dias de Sousa, Sá Pereira, Francisco Maria Guerreiro e Rosário Collaço, sendo estes dois professores da Associação, que fizeram bellos discursos.

A sessão foi encerrada ás 10 1/2 da noite, seguindo-se o baile, o qual se prolongou até de madrugada.

Da imprensa diaria lembramos ter visto representantes do «Mundo», «Vanguarda», «Noticias» e «Seculo», e os jornaes da classe «Luz do Commercio» e «Fraternidade» pelos seus correspondentes.

No domingo, 6, realison-se, na Sala «Portugal» da *Sociedade de Geographia*, a sessão solemne commemorativa do 50.º anniversario da Associação de S. M. dos Empregados no Commercio e Industria.

As 8 1/2 da noite estando a sala e as escadarias repletas de senhoras e de socios, o sr. Presidente da Assembleia Geral da Associação, declarou aberta a sessão, convidando em seguida o sr. Almeida Eça,

vice-presidente da Sociedade de Geographia, para presidir á sessão, logar que este senhor tomou no meio de uma estrondosa salva de palmas. A seguir, a *Tuna Commercial* tocou o hymno composto expressamente para esta festa pelo regente da *Tuna* sr. Mignei Ferreira, o qual, depois da execução, foi entregar copia da partitura ao sr. Manoel José d'Andrade, recebendo em troca um laço de fitas, azul e branco, em *moirée*, que será aggregado aos outros que ornão o estandarte da excellente *Tuna*.

Em seguida foi dada a palavra ao sr. José Maria Pereira, presidente da commissão executiva das festas, o qual deu o seu dispendio e foi muito cumprimentado. Seguiu-se o sr. dr. Theophilo Braga, que também foi muito victoriado ao terminar o seu brilhante discurso.

Fizeram ainda uso da palavra os srs. dr. Zeferino Candido, Simões d'Almeida, dr. Manoel d'Arriaga, Antonio Joaquim d'Oliveira, e os nossos collegas Alberto Nazareth e Antonio Bana, e os srs. Cardoso de Figueiredo, Antonio José Carlos da Silva e o nosso particular amigo Leite Ribeiro.

D'estes discursos ha a especialisar como theses sublimes os dos srs. dr. Zeferino Candido, que fez uma bella analyse sobre a nossa historia patria, o do snr. Simões Almeida, que fez a historia da associação, o do sr. dr. Manoel d'Arriaga combustanciado em bellos principios e de Alberto Nazareth, que fez um bello estudo sobre o caixeirato do Rio de Janeiro.

Esta grandiosa festa acabou á 1 hora da madrugada, tocando a *Tuna* o hymno, que foi escutado de pé.

Sobre descanso continua tudo como d'antes, até o dia em que será este assumpto tratado como é preciso que seja.

9—11—04.

Luiz Pereira.

Defeitos sociaes

Apesar do consideravel progresso em que dia a dia vemos engalanar a sociedade, seria preciso um trabalho insano, uma revolta de muitos annos, para que os cerebros mais proeminentes podessem remediar uma grande parte dos males que ainda infestam essa

mesma sociedade. E, comtudo, se isso fosse possível, se uma remodelação vindoura se fizesse sentir, não digo em todos mas n'alguns dos mais perigosos cerebros, nos que ainda hoje fazem horripilar os homens de consciencia e preocupar os espiritos sensatos, a massa humana daria o mais nobre e alanceado passo, o qual ficaria registado nos annaes da historia do futuro como confronto aos factos mais remotos e mais recentes, de atraso moral e intellectual; a admiração seria universal e aquella remodelação seria adorada como uma reliquia, talvez das mais grandiosas onde o cadastro humano pôde chegar.

Mas não. Esses males veem de ha muito, e tão bem enraizados estão, que seria impossível, repentinamente, uma reforma emancipadora. Mas se a sciencia persistir na lucta contra a immoralidade e deshumanitarismo, como na epoca actual, a Razão ha-de brilhar, as prepotencias soffrerão o fatal golpe de destruição, e a humanidade orgulhar-se-ha de si mesmo quando soar o ecco triumphal da fraternidade!

As classes proletarias são ainda hoje as que mais seffrem com as epidemias sociaes; a burguezia, apesar de se lhe ter já infringido grande derrota no regimen, ainda tem as azas muito compridas e, ainda um pouco a seu contento, maneam aquelles a quem não é dada a felicidade moral e material; é isto que é preciso immendar, são estes erros sociaes a quem a sã consciencia deve dar um golpe profundo para que o triumpho seja completo e para que a gloria da Razão seja o reconhecimento da Verdade e a proclamação da Justiça!

Agora é que a classe caixeiral—repudiando as deshumanas ambições do Capital—pretende um dia de repouzo durante seis de inhygienico labor, e esta pretensão vem de longa data sempre mergulhada em esperanças e absurdos promettimentos de attenção.

O operariado, afadigado pelo jugo despotico e mercenario que lhe impõem os sectarios da corrupção, agglutina-se de quando em quando e reclama, pela greve, o que de justiça lhe é innegavel. E, acaso, serão estas pretensões hyperbolicas? Evidentemente que não! A Ver-

dade assim o proclama, o Direito assim o exige, e se a consciencia fosse uma realidade em todas as almas, ninguém esperaria uma exigencia; mas, infelizmente, dá-se o contrario, e eis a razão porque todo o homem que d'põe d'um bocado de pondunor tem incontestavelmente de se alistar na lucta iniciada contra estes defeitos sociaes, e sacrificar-se por ella.

O que assim não procede, além de ser um poltrão, deve, obedecendo á moral, ser desprezado por todos os que odeiam a corrupção e as prepotencias como inimigas da sociedade e do bem-estar commum.

Trabalhem todos os que prezam a Justiça e ambicionam o triumpho da Verdade, e, assim, teremos dado o mais brilhante passo em beneficio do aperfeiçoamento social.

Odemira.

Lampreia Junior.

*

ECOS DA QUINZENA

Antonio Bana

Este nosso distincto camarada lisbonense, uma das glorias da nossa classe, honra o presente n.º da «Fraternidade» com um bello artigo de saudação e incitamento.

Felicitando-nos por tamanha honra, esperamos que continue com os seus scintillantes escriptos n'este modesto defensor da caixeirada, que ha-de saber trilhar um caminho de imparcialidade em defeza da nossa causa.

Nova Associação

Ainda bem que os caixeiros vão reconhecendo a necessidade de se aggreuiarem, formando d'este modo uma ligação inquebrantavel de forças. Agora cabe a honra da fundação de uma associação de classe aos nossos visinhos companheiros de famalicão que—segundo informações, as quaes nos merecem bom credito,—trabalham para o levantamento de mais esse baluarte. A elles damos o nosso appoio vehemente e endereçamos-lhe uma calorosa felicitação.

A «Fraternidade»

Devido á grande abundancia de original, algum do qual não pôde sahir em o n.º passado por absoluta falta d'espaco, é o motivo porque o presente numero se publica com 6 paginas e porque sahi muito tarde.